



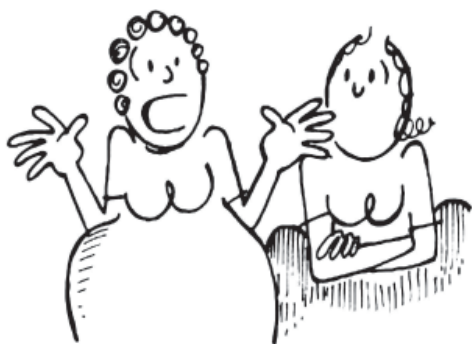
Regalo!

Nº 1 - Julho 2009



Os fanzines não saem de moda. Apesar dos vaticínios de que as maravilhas tecnológicas virtuais vão acabar com as publicações impressas, eles resistem e continuam sua jornada, embalados pela inquietação que lhe serve de princípio.

Com este Regalo! pretendemos manter acesa a chama, trazendo notícias do meio e fomentando novas aventuras em fanzines.



Nesta edição:

- Capas. H. Magalhães
- 3. Fanzine: veio para ficar
- 5. O mundo dos zine. Eduardo Manzano
- 6. Resenhando!



Regalo!

Nº 1
Julho de 2009

Editor: Henrique Magalhães. Av. Maria Elizabeth, 87/407. João Pessoa, PB. 58045-180.
www.marcadefantasia.com, editora@marcadefantasia.com
A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal (CNPJ 09.193.756/0001-79) e um projeto do NAMID - Núcleo de Artes Midiáticas, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.
Colaboração: Denilson Reis.
Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

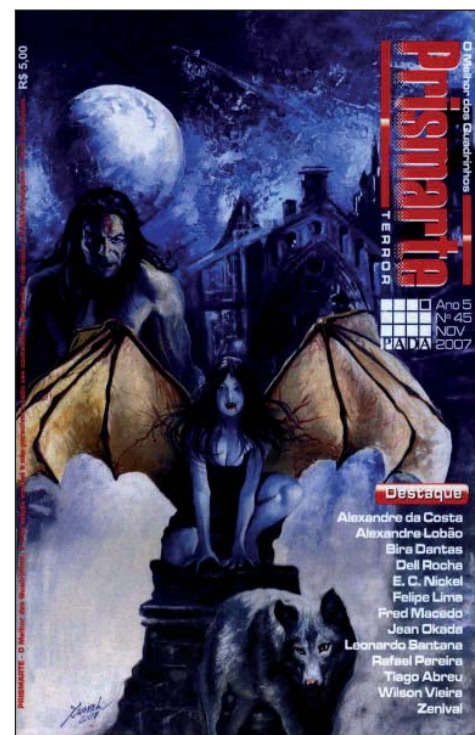
nado, de Stanley Kubrick, *Psicose*, de Hitchcock, ou ainda *A bruxa de Blair*, de Eduardo Sanches e Daniel Myrick. Este até sugere algo sobrenatural, mas é o horror psicológico que toma conta das personagens e o desfecho não tem nada de místico. Esta é uma boa discussão que eu gostaria que a Prismarte promovesse e acredito que ela o faria com competência. Isto poderia levar ao desenvolvimento de um trabalho mais incisivo sobre o gênero, fomentando uma rica e criativa produção. Que toda essa conversa não sirva para desmerecer a edição da Prismarte. Apesar de algumas histórias

serem redundantes, há muito valor na publicação. A começar pela capa deslumbrante de Zenival, que é digna de qualquer exposição de arte. As cores, a composição, o clima, tudo está magnífico! O mesmo arrebatamento encontramos na arte de Fred Macedo, na história Kwi-Uktena e E.C. Nickel, em Fuga. Temos que realçar também o belo traço de Rafael Pereira, de Bira e de Dell Rocha, que completam a edição.

Tratando-se de roteiro, o que se destaca é o de Leonardo Santana, que traz para o verossímil o mito do papa-figo. Leonardo ainda participa com um ótimo e intrigante conto,

com ilustração sublime de Jean Okada. Alexandre da Costa também apresenta um conto, com ilustração de Milson Marins. Nele, faz uma interessante interpretação do mito da Loira do banheiro, folclore urbano que circula no imaginário coletivo das grandes cidades.

A Prismarte se firma como uma das mais persistentes e importantes publicações independentes brasileiras, como resultado de um grupo coeso e com objetivos claros, o que é raro no país. É de publicações e atitudes como as do grupo Pada que certamente teremos um futuro promissor para nossos quadrinhos.



Resenhando!

Prismarte

Nº 45, nov. 2007. 40p. 13,5x20,5cm. R\$5,00

Editores: Milson Marins e José Valcir. Av. 04 de outubro, 746, Ouro Preto. Olinda, PE. 53370-001. prismarte@prismarte.com.br valcir@prismarte.com.br www.prismarte.com.br

Esta é a segunda edição da revista *Prismarte* dedicada ao tema “terror”, sem dúvida um dos mais prestigiados entre os leitores de duas ou três décadas atrás. Talvez a intenção dos editores seja justamente rememorar as célebres edições da editora paulista D-Arte e outras, que fizeram uma boa figura nos quadrinhos nacionais dando espaço generoso aos nossos autores. Este é um filão que inexplicavelmente continua inexplorado em tempos atuais, o que mostra uma certa debilidade do mercado editorial. Mas há que se considerar, também, a possibilidade do esgotamento temático e a repetição da abordagem em histórias que giram quase sempre sobre os mesmos clichês.

As duas edições de terror da *Prismarte* de certo modo também caem nessa armadilha. O gênero aparentemente se exauriu na falta de histórias realmente surpreendentes e criativas. Este não é um problema da revista,

mas talvez da falta de continuidade de produção dos grandes autores de antanho.

Ao analisarmos o gênero terror, veremos que quase sempre está emulado no sobrenatural, na assombração, na magia. Esta é uma fórmula fácil de mexer com o temor humano da morte, do desconhecido, do inexplicável. Contudo, com tanta barbárie à mostra diariamente nos telejornais, o terror passou a fazer parte de nosso cotidiano, de nosso mundo real. O que faz mais medo, uma alma assombrada num cemitério ou um seqüestro relâmpago. Visitar cemitérios pra revirar túmulos é algo muito improvável para qualquer pessoa comum, mas a violência diária não. Portanto, há algo de obsoleto nas histórias de terror que apelam para a irracionalidade sobrenatural.

Se tomarmos a questão do factível dentro do gênero terror, veremos que ele está muito mais perto de nossa realidade, sem necessariamente nos prendermos aos acontecimentos reais. Alguns dos melhores filmes de terror não tinham nada de sobrenatural e mesmo assim eram apavorantes. São os que aproximam a sensação de terror ao suspense a partir de situações absolutamente críveis, apesar de serem de algum modo surreais. Um bom exemplo é o filme *O ilumi-*

Fanzine

veio para ficar

O que é um fanzine? Se é que é possível definir algo que abranje tantos assuntos e assume as formas mais experimentais, os fanzines têm pelo menos uma característica fundamental em comum: são veículos de opinião extra-oficial. E entenda-se extra-oficial aquilo que não está comprometido com empresas, organizações, governos ou instituições. Por simples inversão, podemos dizer que os fanzines estão a serviço da difusão desordenada da informação, sem formatos preestabelecidos ou manuais de redação e estilo, mas que não deixam de criar em torno de si uma organização própria, com temas, público, linguagem e táticas de publicação. Trocando por miúdos, a cultura zine.

Como toda organização, por mais anárquica que pareça ser, esta cultura tem seus membros bem de-

finidos. São editores, colaboradores, desenhistas e amigos/leitores que encontram ali um espaço para a divulgação de idéias, erudição alternativa e descobertas insondáveis. Para muitos adeptos, os fanzines estão onde as pautas dos jornais e revistas ainda não chegaram. Ah, tudo que os editores de cadernos culturais escrevem é dito primeiro pelos fanzines.

Zineiros de carteirinha afirmam, sem pestanejar, que o zine que hoje conhecemos surgiu no final da década 70, junto com o movimento punk na Inglaterra. Assim, podemos destacar algumas características básicas deles: liber-

O Poeta do Absurdo, personagem mítico dos fanzines, de Flávio Calazans



dade de expressão e temas, formatos variados, pequenas tiragens (no caso do papel), busca de satisfação pessoal por parte de editores e colaboradores, divulgação de idéias marcadas por um caráter autoral e ausência de cunho comercial. Esses dados aproximam cada vez mais o surgimento dos fanzines ao movimento punk.

Mostra – Pensando em tudo isto e muito mais, a jovem Aline Ebert deu vida à primeira mostra de fanzines, a Subjetividades no Papel, que ocorreu na Biblioteca Pública de São Leopoldo. Foi no final do mês de julho, mas a idéia é dar continuidade a este projeto. “Tivemos uma palestra com Daniel Villas-Verdes e uma espécie de mostra de zines”, lembra ela.

Nina destaca a liberdade de expressão e “a vontade de unir pessoas que curtem o lance da estética de recortar, colar e escrever sobre coisas que gostam em uma publicação amadora”. Outro aspecto legal do universo zine são as trocas de cartas – muito material e pedidos circulam por correspondências simples que acabam dando um certo romantismo para a história. Ah, tudo isso sem gerar lucro!

Um dos pontos mais legais, citados por muitos adeptos, é a troca de informações entre milhares de fãs que movimentam uma cena underground do fanzine recheada de novos ilustradores escritores e desenhistas em busca de espaço e público. Nesse sentido, o do porquê de sua existência, a produção de fanzines está

calcada em três pontos principais: a paixão por um determinado assunto ou prática; o desejo de expressão de idéias, pensamentos, críticas ou o que for; e a satisfação pessoal de ver a repercussão pública de algo absolutamente autoral.

Paixão e satisfação – Ela é a idealizadora da primeira mostra de fanzines que ocorreu em São Leopoldo este ano. Estamos falando de Aline Ebert, 23 anos, a Nina Flores. “Minha história com o zine começou em 2001, quando ingressei no curso de jornalismo e produzi um fanzine, que acabei não colocando na roda”, lembra. Podemos dizer que o produto de Nina começou mesmo a ganhar espaço com um site gratuito onde postava pensamentos, imagens, mú-



Fanzine Tchê, de Denilson Reis, um dos mais longevos do Rio Grande do Sul

sicas... enfim, tudo que ela curtia.

Assim nasceu *O Relicário de Palavras* (www.ninaflores.net), desde o princípio, priorizando a publicação de pensamentos diários, divulgação de textos veiculados em outros sites, links, letras de músicas, imagens. “Com cerca de um ano no ar, o sistema antes gratuito HPG, deletou o site que veio a virar, somente em 2004, um fanzine impresso em xerox para amigos fanzineiros e outros interessados.”

Até agora são quatro edições lançadas até abril de 2006. E, assim como quase todos os zines, este caminha a passos lentos, mas com vontade de continuar a que se propõe: levar leitura descontraída e um pouco dos escritos da Nina Flores para quem curte ler fanzine. Entre os assuntos – notas, contos cotidianos, poesias, desenho, entrevistas, resenhas, culinária vegetariana, músicas, dicas de saúde... O quinto exemplar já está saindo... No site www.ninaflores.net/fanzine ainda podem ser conferidas publicações diversas que Nina coloca na roda para serem apreciadas (onde também podem ser encontrados seus autores). O e-mail dela é aline@ninaflores.net.

Fragmento de artigo publicado em **Arquivo** nº 24. Alvorada, RS: Tchê Produções, fev. 2009 editado por Denilson Reis. Republicação do suplemento Bah!, do jornal Zero Hora. Porto Alegre: 16 nov. 2006.



Tira de Edu Manzano sobre o universo dos fanzines